



COMUNICAÇÃO, CULTURA, MEMÓRIA E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA

*Maria Cristina Gobbi¹
Juliana Gobbi Bett²*

RESUMO

Parte de um projeto mais amplo, apoiado pela Fapesp e CNPq, utilizando a historiografia e a pesquisa bibliográfica, a síntese mostra contribuições comunicativas populares com o uso da técnica têxtil chamada Arpillera, utilizada no Chile. Os trabalhos demonstram formas de resistência política e social das mulheres. Igualmente, permitem afirmar que há uma produção comunicativa, real, de qualidade e que continua praticamente desconhecida da comunidade acadêmica e dos espaços profissionais, da área. Assim, se faz necessário e urgente “recuperar as protagonistas desta história em sua abrangência”, como afirmou Duarte (2017, p. 13), reconhecendo a cultura popular como ferramentas de resistência Latino-Americana.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Cultura. América Latina. Resistência. Arpillera.

BREVE REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para compreender os novos panoramas comunicativos latino-americanos é necessário mirar os estudos contemporâneos da sociedade em que vivemos não somente como sujeitos, mas como participantes e produtores de conhecimento. Isso permite, sem dúvida, que a interpretação seja vista como resultado da intervenção prática sobre o que está sendo realizado ao nosso redor, tratando então de colocar em exercício utopias reais e que são, muitas vezes, desconhecidas.

No final dos 1950 até meados de 1970 a investigação sobre os meios de comunicação desembocou em uma discussão sobre questões de ideologia, relativas à memória popular, ao manejo político, aos fluxos informativos, às polêmicas em torno da identidade latino-americana, ao desenho de projetos político-culturais, à aplicação e as críticas a determinados marcos epistemológicos, entre outros.

Em uma mirada mais aprofundada é preciso lembrar que a pesquisa em comunicação na América Latina foi fruto de uma realidade cruzada por múltiplos fenômenos, tradições e requerimentos culturais, unidos por uma variedade de

¹ Pesquisadora Livre-Docente pela Unesp. Bolsista de Produtividade do CNPq. Bolsista Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Professora Associada da FAAC-Unesp, nos cursos de graduação e nos programas de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia e em Comunicação, desde 2008. Correio eletrônico: cristina.gobbi@unesp.br.

² Jornalista, mestre e doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do GT história da Mídia Sonora da Rede Alcar. Correio eletrônico: jugobbibetti@gmail.com.



modelos e de paradigmas teórico-metodológicos, mas que sempre objetivou definir uma identidade que pudesse caracterizar essa mega-região imaginada por muitos (GOBBI, 2023).

Do mesmo modo, a real aplicação das ações resultantes nesses cenários desviou-se das perspectivas ortodoxas e convencionais da pesquisa na área e fundamentou-se na prática construtiva de conhecimento e de produtos comunicacionais, que circulam nos espaços sociais, como afirmou o professor José Marques de Melo, em seus diversos textos. Igualmente, para o pesquisador, a busca da construção de uma identidade latino-americana se, por um lado, passou pela valorização da cultura dos índios, dos crioulos e dos mestiços; por outro, se transformou em expressão de luta interna e externa contra a dependência em todos os motes, sofrida em nosso continente. Essas batalhas proclamaram aquilo que os estudiosos chamaram de duas Américas: a dos exploradores e a dos explorados.

Mas é necessário avigorar que pensar sobre o desenvolvimento comunicacional na América Latina significa, antes de tudo, abandonar a passividade, mergulhar na diversidade cultural, respeitar as diferenças, estar aberto para conhecer e aprender sobre e com a sociedade, atravessando a ponte que separa o sujeito da ação. Não o sujeito contemplativo, mas o ativo e participativo do processo de desenvolvimento e de construção do conhecimento. Deve ser o núncio funcional na reestruturação de nossa sociedade. Esta ação, como afirma Mattelart e Mattelart "(...) trata-se de um exercício tão útil, quanto necessário e urgente³. Repensar a história da pesquisa em comunicação, é esboçar essa história de um itinerário pessoal" (1987, p. 13).

Somando a esse cenário as reflexões-críticas sobre as questões de "gênero" nos estudos comunicacionais, é preciso atribuir um novo sentido para a construção de conhecimento comunicacional. Destarte, como afiança Scott (1995, p. 29), "[...] tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com a visão de igualdade política e social que inclui não somente o sexo, mas também a classe e a raça". É preciso fazer emergir a historiografia social, capaz de compor os elementos para a valorização da percepção, das sensibilidades, das vivências, das identidades, das culturas, das formas de representação para o desenvolvimento de outros olhares comunicativos, traduzidos a partir das experiências sociais diversificadas e dos processos de institucionalização que têm se desenvolvido na região.

³ Tradução livre.

Como avalia Corner (2019, p. 1) o “[...] exame de como os programas de ensino e a atividade de pesquisa contribuíram para institucionalizar a área com uma identidade acadêmica discreta, embora muito debatida”, persiste e também reforça o argumento de que é preciso mirar as múltiplas identidades culturais e as formas de produção cultural da região. Esses novos motes de estudos têm instigado a comunidade acadêmica romper com a ‘persistência da teoria negada’, denunciada por Jesús Martin-Barbero, na década de 1982 (Fuentes Navarro, 2019).

Neste cenário entra em foco a trabalho Arpilleras, que trataremos de forma breve, até por conta do texto ser um resumo expandido.

RESULTADOS

Assim, escolhemos trazer para nossa reflexão a produção comunicativa das Arpilleras como processos comunicativos, culturais e formas de resistência política (chilena).

A Arpillera é uma técnica têxtil de composição tridimensional caracterizada pela junção de bordados e retalhos sob um tecido rústico, normalmente juta. As peças documentam histórias individuais e coletivas que retratam, em especial, o olhar das mulheres que vivenciaram contextos de violações dos direitos humanos em diferentes períodos e comunidades, ao longo da história latino-americana. Criada na Isla Negra, Negra, no litoral do Chile, feitas com retalhos e sobras de tecidos bordados, as Arpilleras eram fontes de sobrevivência e, com o tempo, se tornaram também meio de expressão e de comunicação.

A técnica foi amplamente utilizada pelas chilenas para denunciar e combater as atrocidades cometidas no governo ditatorial de Pinochet (1973-1990). Neste período, era comum que grupos de arpilleras se reunissem em casas e nas igrejas, tanto para costurar quanto para discutir os problemas políticos e sociais, criando um movimento de alento para o luto e de apoio para as lutas. Além de possibilitar a quebra do silêncio, a exportação das peças como artesanato serviu fonte de renda para as famílias cujos arrimos estavam presos, desaparecidos ou mortos. Foi um movimento de alento para o luto e de apoio para as lutas das mulheres, com o ajuda da chamada *Vicaría de la Solidaridad*, instituição ligada a Igreja Católica.

Recentemente, a técnica foi reapropriada no Brasil em diferentes espaços: primeiro pelas mulheres das comunidades atingidas pela construção de barragens,



depois pelas mulheres solicitantes de refúgio e migrantes de países latinos e africanos. Deste modo, a presente pesquisa objetivou demonstrar, ainda que de forma breve, essas manifestações a partir da perspectiva dos estudos feministas, considerando as Arpilleras como resultado de um processo de participação e resistência política e cultural das mulheres em defesa dos direitos humanos.

A revisão histórico-bibliográfica dos contextos de uso da técnica nos países latino-americanos focalizou com mais detalhes as peças que integraram as exposições realizadas no Memorial da América Latina (2015) e no Museu da Imigração (2016). Nas Arpilleras, identificamos elementos estéticos representativos, no entanto, optamos por priorizar a compreensão da mensagem diante das especificidades de gênero, concluindo que as narrativas apresentadas evidenciam as opressões e as desigualdades sociais que dificultam a garantia dos direitos fundamentais.

A exposição Arpilleras da resistência política chilena narra a história dessa arte a partir de 28 trabalhos originais realizados por mulheres, entre 1970 e 1990. Nas obras, elas registraram seu cotidiano, os valores de suas comunidades, e os problemas políticos e sociais enfrentados na época como, por exemplo, a ditadura. Exemplos do material estão:

Figura 1 – Corte da água, 1982



Fonte: Anônima. Chile, 1980. Acervo da curadora, Roberta Bacic.

Figura 2 – Poder



Fonte: Arpilleras da Resistência

Fonte: autoria pessoal, 2023

Na figura 1, Corte de água (1980), homens e mulheres seguram baldes, retratando um acontecimento real em que o governo cortou o fornecimento de água potável para impedir que o povo saísse de casa para protestar. Em resposta, as

pessoas foram com baldes até os bairros de classe média para pedir água. Na figura há o reforço da conscientização política para o poder popular.

Assim, estamos falando da arte e da cultura como ferramenta política, de reivindicação, de ação e de conhecimento. Os bordados transformaram-se em uma importante forma de luta, dando voz às mulheres da época, que estavam fora dos sistemas midiáticos massivos. Esses pequenos pedaços de pano eram um escape e representavam novas possibilidades e a esperança de “dias melhores”. Além de criar cenas de denúncias, os bordados transformaram-se em testemunhos, contribuindo para a memória histórica do Chile.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, o projeto traz como desafio pensar de que maneira os estudos da teoria da Folkcomunicação podem contribuir para explicar essa produção cultural, a partir de nossa área de conhecimento, a Comunicação. É a primeira teoria brasileira, desenvolvida por Luiz Beltrão, ainda da década de 1970 e é pouco conhecida e utilizada na academia. Traz como perspectiva observar os processos comunicativos das comunidades que estão à margem dos sistemas centrais de comunicação (massivos) e que buscam outras formas de comunicar. Assim, entra o artesanato como uma poderosa forma de expressão política e social, de vivências, de contar histórias, de autoconhecimento, de denúncia, objetivando manter a saúde mental e a divulgação de mensagens por outros meios e canais de expressão e de conhecimento. São vários formatos e grupos que utilizam outras maneiras de comunicar no espaço da América Latina, para além da mídia massiva.

No Brasil já foram realizadas várias ações sobre a técnica, como em São Paulo a exposição bordando a resistência – projeto brasileiro, que trouxe contribuições a comissão da verdade.

Por ser esse evento focalizado no tema “mulheres”, as evidências empíricas resultantes das análises podem corroborar para os resultados pretendidos em duas frentes: na atenção à produção das mulheres e na possibilidade de outras miradas sobre o saber comunicativo. Se, por um lado, os estudos em comunicação na América Latina podem ser caracterizados pela ampliação dos espaços de formação, que favoreceu o ingresso da mulher na educação superior, especialmente a partir do



século XIX⁴, por outro não tem focalizado sua atenção na produção realizada por elas, em especial, pelas mulheres negras, periféricas, partícipes dos movimentos sociais, políticas, militantes, lideranças comunitárias etc.

Essas questões têm estimulado a continuidade dos estudos, agora em um novo projeto (continuidade), também financiado pela Fapesp (Proc. 2022/08397-6), que objetiva criar uma Enciclopédia Digital do Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA). *Seção: MULHERES na Comunicação.*

REFERÊNCIAS

ARPILLERAS DA RESISTÊNCIA. Disponível em: <https://arpillerasdaresistencia.files.wordpress.com/2012/05/dscn0766.jpg>, acesso abr 2023.

CORNER, John. Origins and transformations: histories of communication study. **Media, Culture & Society**, 2019.

FUENTES NAVARRO, Raul. Pesquisa e metapesquisa sobre comunicação na América Latina. In: **Revista Matrizes**, V.13 - Nº 1 jan./abr. 2019. São Paulo: USP.

GOBBI, Maria Cristina. **Do silenciamento à palavra**. Mulheres nos estudos em Comunicação na América Latina. Portugal: Ria Editorial, 2023.

MATTELART, Armand e MATTELART, Michèle. **Pensar sobre los médios**. Comunicación y crítica social. Colección Impactos, los libros de Fundesco. Madrid: Dundesco, 1987, p. 13.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Texto original: Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. In: **Educação & Realidade**, 20(2): 71-99, jul./dez, 1995.

⁴ Embora o exercício profissional ainda ocorra, em muitos casos, em uma posição de menor prestígio se comparada com os colegas do sexo masculino.